

O magistério brasileiro de Vitorino Nemésio*

Fernando Cristóvão

Depois da longa crise nas relações luso-brasileira que se arrastou dos anos 90 do século XIX (revolta da armada, corte de relações diplomáticas, caricaturas e sátiras de Aluísio de Azevedo e outros), até praticamente aos anos 30 do século seguinte, o relacionamento entre os dois países atlânticos começou a recuperar através de um melhor conhecimento mútuo e de boas intenções políticas e culturais. Desse período dirá Thiers Moreira, em 1941, que se caracterizava por "um desconhecimento das fontes portuguesas, raízes originais da nossa cultura ou, se impossível desconhecê-las, a negação dos seus valores. É o período de jacobinismo intelectual nos escritores de menor classe e de nacionalismo polémico entre os melhores. É dentro desse período que se encontra a literatura de crítica e sátira a Portugal (...) O Brasil voltou-se, inteiramente, para outras culturas, procurando nelas um sentido universal"¹.

Mas o renascimento dos laços ancestrais voltou, e nele ocuparam lugar importante a criação dos estudos brasileiros, em 1915, na Faculdade de Letras de Lisboa, oficializados em 1916, com efectivação em 1923.

Corrigindo esquecimentos e sarando feridas. Oliveira Lima, Manuel de Sousa Pinto, Mário de Albuquerque. Thiers Moreira preparavam o terreno para o que viria a ser o magistério de

eficiência e influência de Vitorino Nemésio, desde 1957.

Entretanto, os estudos brasileiros estendiam-se à Universidade de Coimbra em 1957, e à do Porto em 1972/73 e, depois, a outras universidades².

Da hostilidade e do esquecimento se passou depois à euforia, pois os estudos brasileiros conheceram muitas centenas de alunos nas Universidades, ordinários ou de opção, também em Mestrados e Doutoramentos.

Hoje, o panorama já deixou de ser esse, e o declínio dos mesmos estudos é de molde a preocupar não só os que se interessam directamente por eles, mas quantos se ocupam e preocupam com a identidade e coerência científica e cultural da Universidade Portuguesa, com a construção da Lusofonia, ao mesmo tempo que se interrogam sobre a ligação que deve existir entre os estudos universitários e o progresso do país, nesta fase de dinâmica europeia um tanto forçada.

Por isso, julguei valer a pena, numa reunião desta natureza, apresentar o perfil de Vitorino Nemésio na sua tarefa de universitário, responsável que, a partir das literaturas portuguesa e brasileira e das leituras científicas, filosóficas e teológicas, observava os acontecimentos que o rodeavam, e exercia uma pedagogia cultural e literária digna de ser tida em conta, se não para se imitar, ao menos para

* Comunicação apresentada ao III Congresso Português de Literatura Brasileira, Porto, 24 de Outubro de 2003.

¹ Lição inaugural do curso de Cultura Brasileira na Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1961.

² Arnaldo Saraiva, *Meio Século de Estudos Brasileiros na Universidade Portuguesa*, Porto, Faculdade de Letras, 1974.

servir de referência e persuasão. Até porque, do seu esforço e prestígio resultou muita coisa positiva, nessa época áurea das relações luso-brasileiras.

a) Uma concepção de Literatura como integrada

Todo o magistério de Nemésio, tal como a sua personalidade intelectual, assenta na complementaridade dos saberes e na sua consequente interdisciplinaridade.

É por demasiado evidente a sua grande capacidade de criador literário, tanto na prosa como no verso, como no ensaio. E igualmente evidente é que nunca essa criatividade rodou no vazio e no estéril das formas desligadas dum sentido humanista, mesmo quando os jogos lúdicos de palavras e conceitos pareciam *intermezzos* não intercalares. É que ele não entendia a palavra desligada da circunstância, fosse ela geográfica, histórica, religiosa, metafísica ou científica.

Conscientemente afirmava que pela palavra “nomeio o mundo/ seus quantos e qualidades, seus objectos [...] Prendi a frase ao texto do universo”. E isso porque sabia que a palavra o responsabilizava também em outros níveis, declarando “chamo verbo ao equívoco falado”, preocupado, em última análise, em passar do “verbo equívoco” da realidade humana, ao “Verbo unívoco e sagrado” da realidade divina, na linha de Charles du Bos ou do moderno Georges Steiner no seu conceito de “presenças reais”. E nessas preocupações de ligar o verbo à circunstância ocuparam lugar privilegiado o estudo e a docência das literaturas portuguesa e brasileira, entre outros estudos, ao mesmo tempo que avultava a reflexão sobre os destinos do homem contemporâneo, cruzando saberes em intertextualidade e interdisciplinaridade densas. Quanto ao Brasil, pode dizer-se que o interesse de Nemésio se manifestou literariamente logo em 1922, quando ainda era muito jovem, ao compor o poema *Nave Etérea*, em ambiente sebastianista, celebrando a viagem aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Nesse poema, a que deu o subtítulo, premonitório para ele, “Descobrimento do caminho celeste para o Brasil”,

antecipava a *Mensagem* de Pessoa, tanto no teor nacionalista dos versos e da exortação final, como na evocação do *Encoberto* e na crença sebastica e messiânica de um destino privilegiado para Portugal.

“Numa manhã de nevoeiro – sonho incerto
Como a raça a si mesmo prometera
Veio subindo a sombra do Encoberto
Que na areia longínqua do deserto
Para dobradas glórias se escondera...”³

Aos temas brasileiros volta em 1932 com *Sob os Signos de Agora*, misturando os temas portugueses com os brasileiros, e dois anos mais tarde, num relatório enviado de Montpellier, onde era professor do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, dirigido à Junta de Educação Nacional, dando a conhecer o seu trabalho em França, sugere à dita Junta que em outros cursos para estrangeiros, em Portugal, não descure os estudos brasileiros. Preocupação esta que haveria de concretizar em crónicas do *Diário Popular* e da *Emissora Nacional*, a partir dos anos 40, preparando, por assim dizer, a sua primeira viagem ao Brasil em 1952, iniciando-se com ela um vaivém de intercâmbio cultural luso-brasileiro em “20 anos de visitas”, na sua própria expressão. Depois viriam as grandes obras, desde *O Campo de São Paulo*, *Caatinga e Terra Caída*, *Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, *Poemas Brasileiros* e inúmeras outras crónicas e intervenções de crítica literária sobre autores brasileiros que me dispense de enumerar, por demasiado conhecidos. Deste modo, através de um magistério brasileiro cá, e português lá, ou melhor, luso-brasileiro em ambas as margens, descreveu e poetizou como poucos, as três fases da gesta em terras de Santa Cruz: a do emigrante português em terras americanas, a do reinol, já híbrido, e a do brasileiro que se orgulhará dos seus quatrocentos anos em São Paulo, ou no Rio. Porque a evolução foi natural, tão natural como a sua que celebrou no “Romance de Águas de Mininos”⁴:

“Foi em Água de Mininos,
Na Bahia, à flor do mar
Que o português percebeu
Que isto de ser brasileiro
É questão de começar”.

³ *Nave Etérea*, Coimbra, Imprensa Académica, 1922, p. 22.

⁴ *Poemas Brasileiros*, Lisboa, Bertrand, 1972.

E, numa crónica datada de Manaus, dando-se conta desta intercomunicação cultural, confessa “quando estou no Brasil lembra-me Portugal: quando volto a Portugal, tenho saudades do Brasil”. Aculturação essa, mais que inculturação, processada em função de dois pólos de atracção dentro da mesma personalidade e estética barrocas: o da euforia tropical e sensual centrada na Bahia, e o do ascetismo e meditação sobre a efemeridade da vida, sobre o tempo e a morte, centrada em Ouro Preto... Dois pólos que são, literalmente, dois “emblemas” que, como é de sua natureza evocam, até *in absentia*, aquilo que representam. Metonímias de grande carga simbólica. E tanto no verso como na prosa.

Na euforia baiana, atordoado pela estridência do trompete de varas do “Nem toda a noite a vida”, resume e suplica: “faz cafuné na minha cabeça”, para concluir pela superficialidade das sábias elucubrações dos etnólogos, sociólogos e psicólogos, que pouco entenderam daquela realidade viva em que ele se integra:

"Ponham Levy-Bruhl no *Index*
Queimem o Museu do Homem,
Esqueçam tudo: Pavlova
De pernas coreografadas,
Hermes, a antropologia,
A Psicanálise, a Etnologia,
As religiões comparadas..."

Na paz e meditação de Minas, recolhe-se, porque “O silêncio cá fora embalsama Ouro Preto”. “Porque Ouro Preto é realmente uma cidade íntegra morta, e, se não tem a profundidade histórica de Toledo nem os seus tesouros de arte, é como Toledo em relação à cultura hispânica um mundo abreviado do barroquismo religioso e minerador luso-brasileiro”⁵.

Desse silêncio barroco penitencial dão também conta os títulos de vários capítulos de *O Segredo*: “No cemitério de Santa Efigénia de Ouro Preto”, “Salva a tua alma”, “As ruas desertas, catas mortas”, “O encontro dos Profetas”...

Aliás, deste paradoxo vida-morte, sensualidade-ascese, testemunharão mais tarde, as suas obras *O Pão e a Culpa* e *O Verbo e a Morte*, em especial.

b) Um magistério de universalismo

Esta forma de viver, sentir e comunicar o Brasil através de poemas, crónicas, ensaios, docência universitária e convivência social com escritores, professores, alunos, não esgotou o magistério nemesiano.

Do mesmo modo que foi Mestre em estudos e ensino das Literaturas e Culturas portuguesa e brasileira e, episodicamente, outras, alargou os seus horizontes para além do território literário. Não o abandonou, antes o levou a outras paragens.

Outras paragens que são as mesmas em que tudo se processa: a questão da Universidade no espaço luso-brasileiro, a do Brasil como grande potência emergente no Mundo, a condição humana e a chamada crise do homem, perscrutando as ciências, interrogando a filosofia e a teologia.

Já em 1957, na Oração da Sapiência pronunciada na abertura do ano lectivo da Universidade de Lisboa, Nemesio chamava a atenção para o relacionamento com o Brasil, na esteira das ideias de Oliveira Martins em *O Brasil e as Colónias Portuguesas*, pugnando pela realização efectiva da Comunidade Luso-Brasileira, apenas viva no vocabulário político.

Realidade essa antevista como uma nova Commonwealth, a que hoje já chamamos Lusofonia, e onde a Universidade Portuguesa, que não pode alhear-se da realidade nacional, deve ter especial papel a desempenhar.

“Para isso, a Universidade portuguesa precisa aliar-se à brasileira na instituição dos estudos históricos, geográficos, etnográficos e sociológicos”. Ao mesmo tempo criticava a exiguidade dessas matérias nos nossos planos de estudos, apelando para uma emulação saudável, depois de evocar os esforços de Oliveira Viana, Artur Ramos e Gilberto Freire: “Nem queiramos que os especialistas norte-americanos e franceses que ajudam o Brasil a fundar a sua ciência tropical nos tomem maior dianteira do que a que, a bom título já levam”⁶.

Quanto ao Brasil em si mesmo, e colocando a questão dentro de uma série de perguntas a fazer à Esfinge da sabedoria, em ensaio intitulado *Portugal e o Brasil na História*, título que ele corrigiu nos textos impressos

⁵ *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, Lisboa, Bertrand, 1954.

⁶ *Problemas Universitários da Comunidade Luso-Brasileira*, Lisboa, Anuário da U. de Lisboa, 1954-55. p. 21.

para: *Portugal e o Brasil no Processo da História Universal*, antecipava o que hoje chamamos globalização. Já em 1952, ele chamava “um vasto processo de concentração e de concerto para a organização da humanidade como universal detentora de um mesmo espaço terráqueo, sem soberanias que possam fundamentalmente manter a defesa tradicional dos âmbitos de prudência e cultura-economias autárquicas, sistema militares independentes, esferas de influência reservadas. Que papel distribui o destino aos grandes campos históricos desenvolvidos e coesos até hoje?”⁷

Interrogava-se depois sobre o futuro do mundo anglo-saxónico, do mundo hispânico transatlântico, e do mundo lusitano “como lhe chamou Gilberto Freire”. “Mundo que afirmou, na Europa, na América, na África e ainda na Ásia, circunstâncias diferentes numa língua que a força a remanescer uma primitiva unidade?”⁸

Ideias estas tanto mais antecipadoras quanto foram capazes de serem formuladas sem se ter em grande conta as forças ideológicas ou políticas maiores, antes a dinâmica imparável do processo civilizacional histórico. O magistério nemesiano abre-se, finalmente, para um universalismo que, não sendo especialmente tributário de uma lógica luso-brasileira, contudo, de algum modo é por ela incentivado através da nossa tradição humanística, em que os problemas do homem se sobrepõem aos do progresso e da técnica.

Como os pensadores antigos, como Camões, Nemésio observa e interroga

a grande Máquina do Mundo, através da figura da Esfinge, questionando a sua realização terrena e apelando para a sua matriz divina.

Para chegar aqui interessou-se pelas ciências – a física, a química, a sociologia, a psicologia, a metafísica, a teologia –, não como um visitante ou divulgador, mas como peregrino à procura da verdade escondida, como por exemplo em *Era do Átomo. Crise do Homem*.⁹

Como escrevemos na apresentação dos testemunhos do “Seminário Nemésio – 100 Anos”: “Não foi Nemésio um cientista, um filósofo, nem teólogo, nem historiador *stricto sensu*, mas a sua obra reflectiu problemas dessas áreas apresentando-lhes um rumo humanístico”¹⁰.

E dele disseram cientistas com J. Lobo Antunes:

“De facto ele foi também um profeta literário, de uma terceira cultura, como a entende Brockman, uma espécie de “haute vulgarisation”, desenvolvida por cientistas e outros pensadores do mundo empírico, que pela relevância da sua pesquisa e pela limpidez da sua escrita ocuparam um lugar a par dos intelectuais tradicionais e fazem renascer a antiga filosofia natural, tornando visível o significado profundo das nossas vidas, redefinindo quem e o que somos, pois aquilo a que chamamos tradicionalmente ciência, faz parte de uma cultura pública”¹¹.

Eis assim, em breves palavras, um exemplo de magistério que foi magistral, que bem pode servir de estímulo e padrão para recolocar nos Estudos Universitário o papel relevante que compete aos Estudos Brasileiros.

⁷ *Ibidem*, p. 21.

⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁹ *Era do Átomo. Crise do Átomo*. Lisboa, Bertrand, 1976.

¹⁰ Fernando Cristóvão e outros. *Nemésio. Nemésios*, Lisboa, Colibri, 2001.

¹¹ *Ibidem*, p. 71.